

ESPERANÇA É MESMO
a última que morre.

Um
GAY
SUICIDA
Em
SHANGRI-LA

ERIQ
COBRA



Um
GAY
SUICIDA
Em
SHANGRI-LA

 **ERIQ**
COBRA

ECMS
 *Publi*

Copyright © 2014 Eriq Cobra

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização, exceto para citações em críticas ou resenhas, conforme a Lei Brasileira de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/1998).

Preparação

Eriq Cobra

eriqcobra.com.br

Foto de capa

Benett Dungan

unsplash.com

Produção editorial

ECMS Publi

ecmspubli.com.br

Sinopse

Um jovem paulista foge da família homofóbica após sobreviver a uma tentativa de suicídio, decidido a aproveitar esta segunda chance para construir uma vida na qual é amado sem precisar esconder quem é.

Ficha catalográfica

Cobra, Eriq

Um Gay Suicida em Shangri-la / Eriq Cobra.

– 2. ed. digital – RJ : ECMS Publi,

versão de 16 out. 2024.

Formato: PDF.

1. Romance brasileiro. 2. Literatura LGBT. 3. Jovem adulto. I.
Título.

Sumário

[Título](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Mais livros](#)

"Se não encontrarmos o paraíso dentro de nós,
não o encontraremos do lado de fora."

— James Hilton, "*Horizonte Perdido*"

Prólogo

Não domino a cronologia entre descer da picape numa nova cidade e descansar a única mochila que trouxe comigo de São Paulo sobre o colchão inflável e vazio.

Dominava, num "talvez" feioso, a ideia de que as coisas seriam mais fáceis.

Não contava com esse sopro no peito, essa canção melancólica saudando saudades que não vou sentir, quem sabe nunca mais. É tanto eco no meu vazio que o desespero transborda.

Esse vazio era apático antes. O de hoje é um galpão aguardando preenchimento. Esperança.

Inspiro, expiro, suspiro. Inflo tanto os pulmões que os sinto colar, raspando em minhas costelas. A mochila vira dois amontoadinhos de roupas na prateleira de MDP atrás da porta, e o plástico do colchão se eleva azul contra a gravidade, planando um espaço antissolteiro para eu dormir nessa quiti-nete.

"Antissolteiro", não de casal. Casal é pra quem tem com quem deitar. Um amor, mesmo de mentira. Não tenho. Esse espaço extra é antissolteiro, onde um monte de desvantagens se emaranha com um par de travesseiros e lençóis velhos doados por meu generoso locador.

Me quebro, me obrigo a chorar, nem que por cinco minutos. Porque esconder medos de mim me matou uma vez. Quando voltei à vida, prometi que morreria por qualquer coisa: uma bala perdida, um motorista sonolento ao volante, overdose de milk-shake extra-doce ou um pedaço de Krypton caindo incandescente do céu; mas nunca, jamais, morreria por escolha própria de novo.

Porque o mundo congela quando você se mata e não morre.

Capítulo 1

Se o povo da Terra compreendesse que a inexistência é melhor do que meio-viver, tentaria suicídio junto comigo.

Uma meio-esposa, de um meio-marido, com meio-salário e um filho pela metade. Não "meio-filho", apenas um filho pela metade. Não-vivo, não-morto, nem morto, nem vivo, toda sexta no bar mais próximo, só parando de cair aos domingos porque segunda tem aula de Relações Internacionais — faculdade que não escolheu porque o karma deveria se chamar Karmen, de tão vadia.

De sábado ao primeiro dia da semana, meu namorado perfeito me buscava menos preocupado do que deveria, calado o suficiente para sufocar um cristão ansioso pela hóstia. No caso, o cristão da analogia sou eu. O sufocado.

O filho pela metade.

O Eduardo.

Ele não me amava o suficiente para dar a mínima. Mesmo assim, era meu namorado. Quem não seria? Eu era um bom negócio, olha só:

Cap Nike por R\$ 129,90.

Camisa Daslu GG cinza (não correspondente ao meu tamanho M) por R\$ 290,00.

Skinny jeans da Renner por R\$ 70,00 (não que me orgulhasse disso).

Tênis Nike Dunk preto e bege por R\$ 399,90.

Um monte de desconhecidos amigos numa mesa de bar: não tinha preço.

Em média, minha personalidade custava R\$ 889,80. Ou 12 vezes sem juros de R\$ 74,15 — não que garotos como nós, nesse mesmo bar careiro, precisássemos parcelar alguma coisa.

Viu? Eu era o produto antirrebelde de uma rebeldia que só entendi de maneira subjetiva por me odiar por dentro. Gayzinho "cara de hétero", raro de esbarrar, lindo de morrer, bem-vestido até vomitando os bofes (sem piadas com "bofes") nas calçadas de fim de sábado, e extremamente educado para orgulhar o meio-pai de uma empresa meio-que-decadente.

A razão pela qual meu namorado me namorava de volta era a mesma que a minha ao namorá-lo: fui ensinado que se tinha de ser gay, que fosse com um gay que parecesse homem.

Hoje percebo que o único instante em que deixei de ser homem foi quando acovardei e escondi de meu pai quem eu realmente era. Não uma bailarina, dona de uma caminhonete rosa buscando trocar de sexo na Malásia ou em qualquer país do tipo.

Eu era sensível. E questionador. E queria saber por que minha vida estava do jeito que estava. E por que não tinha coragem pra dizer que Relações Internacionais não era o curso pra mim, que Literatura era uma possibilidade viável.

Só deixei de ser homem quando meu pai me ensinou que ser homem é se castrar pela vontade do mais forte.

E, mesmo assim, eu jamais poderia culpá-lo de nada.